

# Modelo alternativo

JOÃO PAULO DE ALMEIDA  
MAGALHÃES \*

O Brasil, como a maior parte da América Latina, estava marchando, a largos passos, para um modelo — de integração competitiva no mercado mundial — de tipo neoliberal, cujas linhas básicas são as seguintes: Estado minimalista; abertura para o exterior a partir da redução de tarifas sobre importações e baixo nível de poupanças internas.

O Estado deveria se restringir às suas funções clássicas de Educação, Justiça, Segurança etc. A abertura às importações resultaria, através da maior produtividade das empresas locais premidas pela concorrência externa, no aumento das exportações. A criação das duas precondições anteriores determinaria aumento da entrada de capitais estrangeiros, nas proporções requeridas pela retomada do desenvolvimento. Para isto, um déficit no balanço de transações correntes se faz necessário.

Com a crise do México, amplamente apontado como paradigma neoliberal a ser imitado, o modelo se desmoralizou. No turbilhão provocado pela crise, o Brasil se viu forçado a elevar para 70% as tarifas aduaneiras de certo número de produtos. Como o modelo de substituição de importações, abandonado e desmoralizado, é tido pelos economistas brasileiros como a única (e inaceitável) alternativa válida, suspeita-se do abandono, pela atual administração do país, do objetivo fundamental de retomada do desenvolvimento.

O erro está em que existe um segundo modelo de integração competitiva no mercado mundial, de eficácia comprovada por vinte anos de experiência, que é o dos chamados tigres asiáticos. Suas principais características são as seguintes: ação efetiva do Estado, posto que com intensidade bem inferior à observada no caso da substituição de importações; abertura

para o exterior baseada no aumento das exportações, sendo a liberalização das importações função do sucesso dessa política e aceleração do desenvolvimento baseada na poupança interna.

Alguns dados, tirados dos Relatórios sobre o Desenvolvimento Mundial, do Banco Mundial, podem ser citados para ilustrar a diferença entre os dois modelos. Enquanto na Argentina, México e Brasil o crescimento anual das exportações era de, respectivamente, 2,2%, 1,6% e 5% (período 1980-1992), na Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Cingapura, a mesma percentagem subia a, respectivamente, 11,9%, 10%, 5% e 9%. As exportações como percentagem do PIB foram, para os três primeiros países, de 5%, 8% e 6%. As mesmas percentagens subiam a 28% na Coreia, 39% em Hong Kong e 138% em Cingapura.

A poupança interna na Argentina, México e Brasil se situa entre 17% e 15% do PIB. Essa poupança foi de 36% na Coreia, 32% em Hong Kong e 47% em Cingapura (1992).

Enquanto a Argentina e México tendem a registrar déficits sistemáticos no seu balanço de transações correntes (e o Brasil inaugura, em 1995, sua série), no período 1986-1992 (últimos dados disponíveis), três dos quatro países acima apresentaram superávits sistemáticos nas suas contas correntes. A exceção, Coreia do Sul, registrou superávit em quatro dos sete anos e no conjunto do período.

Se o governo brasileiro declarar sua opção por esse modelo alternativo, ficará livre da pecha de neoliberal e poderá justificar o aumento recente de tarifas como um primeiro passo para a introdução de nova estratégia de crescimento para fora.

\* Professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro